

DIREÇÃO

CARLOS FIOLHAIS  
JOSÉ EDUARDO FRANCO  
JOSÉ PEDRO PAIVA

# HISTÓRIA GLOBAL DE PORTUGAL

COORDENAÇÃO

JOÃO LUÍS CARDOSO  
CARLOS FABIÃO  
BERNARDO VASCONCELOS E SOUSA  
CÁTIA ANTUNES  
ANTÓNIO COSTA PINTO

TEMAS E DEBATES

# HISTÓRIA GLOBAL DE PORTUGAL

DIREÇÃO

*Carlos Fiolhais*  
*José Eduardo Franco*  
*José Pedro Paiva*

COORDENAÇÃO

*João Luís Cardoso*  
*Carlos Fabião*  
*Bernardo Vasconcelos e Sousa*  
*Cátia Antunes*  
*António Costa Pinto*

TEMAS E DEBATES



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.  
Os prejudicados somos todos nós.



Título: *História Global de Portugal*

Coordenação: Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco  
e José Pedro Paiva (IECCPMA)

Copyright © 2020 Temas e Debates e Carlos Fiolhais, José Eduardo Franco  
e José Pedro Paiva (IECCPMA)

Revisão: João Pedro Tapada, Ana Rita Araújo,  
Cristiana Lucas Silva, Milene Alves e Paula Carreira

Capa: Ana Monteiro

Design interior e paginação: inPrintout, Carla Batista e Sofia Silva

Imagem da capa: Shutterstock

Execução gráfica: Bloco Gráfico,  
Unidade Industrial da Maia

1.ª edição: maio de 2020

ISBN (Temas e Debates): 978-989-644-635-2

Depósito legal número 467 777/20

Temas e Debates é uma chancela da Bertrand Editora

Temas e Debates

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

[www.temasedebates.pt](http://www.temasedebates.pt)

---

Reservados todos os direitos. Nos termos do código do Direito de Autor, é expressamente proibida a reprodução total ou parcial desta obra por quaisquer meios, incluindo a fotocópia e o tratamento informático, sem a autorização expressa dos titulares dos direitos.

2700-1800 a.C.

# A questão campaniforme: origem e difusão no decurso do terceiro milénio a.C.

A fraca influência genética de regiões centro-europeias nas populações do território português significa que estas, quer pela sua afastada posição geográfica, quer sobretudo pela sua cronologia mais antiga, não receberam os influxos daquela difusão, afirmando-se como descendentes diretas das suas antecedentes neolíticas.

As produções campaniformes que ocorrem entre cerca de 2700 e 1800 a.C. no território hoje português são particularmente conhecidas pela componente cerâmica, cujo formato mais característico deu o nome ao referido conjunto de produções, que integra objetos de adorno e de indumentária e armas de cobre. A forma mais distintiva daqueles recipientes é o vaso dito marítimo ou *standard*, em campânula invertida e com decoração, feita a pontilhado, de bandas horizontais preenchidas

interiormente por linhas oblíquas alternadas. A designação «marítimo» advém de a sua difusão à escala europeia ter ocorrido provavelmente por via marítima, com a navegação costeira.

A notável síntese apresentada por Richard J. Harrison, professor da Universidade de Bristol, em 1977, ainda não contemplava plenamente o *dutch model* que, entre as décadas de 1980 e 1990, marcou a investigação sobre a génese e a difusão das produções campaniformes à escala

européia. Segundo tal modelo, os vasos marítimos teriam resultado da evolução das cerâmicas cordadas holandesas, correspondentes a vasos decorados mediante impressão linear de cordas na pasta fresca, dispostas horizontalmente. Esta perspectiva foi rejeitada ulteriormente por Laure Salanova. Com efeito, as datas de radiocarbono entretanto obtidas revelaram que os campaniformes cordados eram, em geral, mais modernos na Holanda do que os mais antigos vasos marítimos ibéricos. A maior antiguidade destes foi recentemente confirmada, reforçando a teoria clássica que, desde o início do século xx e por vias diferentes, se vinha a afirmar. Hubert Schmidt foi quem, em 1913, chamou pela primeira vez a atenção para a importância da Península Ibérica na origem dos vasos campaniformes, tendo sido logo seguido por Pedro Bosch Gimpera, que postulou a sua dispersão pan-europeia desde a Ibéria. Tal proposta inspirou Alberto del Castillo Yurrita na sua notável obra de síntese *La Cultura del Vaso Campaniforme (Su Origen y Extensión en Europa)* (1928). Muitos anos volvidos, este autor afirmou que a expansão dos vasos campaniformes se fez sempre por via marítima – atlântica e mediterrânica – e

que tal se deveu à metalurgia do cobre. Além disso, anteviu a importância de futuras escavações em povoados da região do estuário do Tejo para resolver a questão da origem e da cronologia da cultura do vaso campaniforme.

Esta teoria aprimorou-se progressivamente, destacando-se a proposta do «refluxo» de Edward Sangmeister, exposta no seu estudo *Exposé sur la civilisation du vase campaniforme. Les civilisations atlantiques du Néolithique à l'Âge du Fer* (1963), a qual foi, de certo modo, corroborada pelo modelo dual de Richard J. Harrison, apresentado em *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal* (1977). Este modelo, que admitia duas origens diferenciadas, uma na Península Ibérica e outra na Europa Central, foi recentemente apoiado pelos resultados de ADN de populações campaniformes europeias.

Laure Salanova, retomando a teoria clássica, defendeu que a origem do vaso marítimo se localizava no estuário do Tejo, por esta ser a região europeia onde se observa a maior concentração desta produção, considerando que tal vaso correspondia à única produção campaniforme pura, por ela designada estilo *standard*. Neste contexto, torna-se evidente a relevância das datas de ra-

dióxido de carbono, que apontam para a sua efetiva antiguidade na região referida, especialmente das relativas ao povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), que comprovam a emergência do campaniforme na região do estuário do Tejo cerca de 2750 a.C., época em que os vasos marítimos já coexistiam com produções campaniformes regionais e com as produções cerâmicas de tradição anterior.

As análises de ADN efetuadas à escala europeia a restos ósseos de populações campaniformes da região do estuário do Tejo vieram confirmar a descendência direta destas a partir das suas antecessoras locais. Comprovou-se assim, indiretamente, a origem do vaso marítimo nesta região, de onde se expandiu ao longo da costa atlântica, sendo a Bretanha um preeminente polo recetor, até assumir valores residuais em regiões mais orientais, como o vale do Reno e os Países Baixos.

A particular incidência de vasos marítimos na região do estuário do Tejo não pode desligar-se da riqueza e do uso dos férteis solos desta região, consubstanciando uma agricultura muito produtiva, geradora de excedentes, cuja comercialização requeria vias de circulação transre-

gionais. Deste modo, a importância agrícola da região, tal como verificado noutros locais da Europa, explicará a profusão de manifestações campaniformes no referido estuário, abundância essa muito maior do que a observada nas regiões onde há cobre, pondo em causa o tradicional binómio campaniforme-metalurgia do cobre. Tal conclusão é confirmada, em Portugal, pelas análises efetuadas nas regiões cupríferas do Alto e do Baixo Alentejo, onde a presença campaniforme é escassa, acentuando-se tal realidade no Algarve, onde ela é apenas residual, não obstante a riqueza cuprífera ali observada.

Por outro lado, na zona do estuário do Tejo, não é aceitável a hipótese de as produções campaniformes corresponderem a bens de prestígio. Na verdade, constituem, por vezes, a exclusividade das cerâmicas decoradas encontradas tanto em povoados campaniformes abertos (Freiria, em Cascais) como em simples casais agrícolas (Leião, em Oeiras; Monte do Castelo, em Oeiras), onde a possibilidade da hierarquização social não se poderia pôr, muito menos a do alto estatuto dos seus habitantes. Excetuam-se, de entre as produções cerâmicas campaniformes, os vasos marítimos, cujos valor social ou fun-

ções, para autores como Laure Salanova, «ultrapassam amplamente o simples uso quotidiano». Com efeito, a existência de duas cadeias operatórias conducentes a diferentes produções campaniformes – os vasos marítimos e os recipientes mais grosseiros e com decorações técnica e tematicamente distintas – indica a presença de artesãos diferenciados. Como se explicará então a sua coexistência? Que razões a determinaram? Desde 2014 que ambas as questões, no respeitante à região do estuário do Tejo, foram cabalmente explicadas pelo signatário deste texto. Em primeiro lugar, os resultados das análises de radiocarbono mostraram a coexistência, na segunda metade do terceiro milénio a.C., de vasos marítimos e de recipientes em geral mais grosseiros, habitualmente grandes vasos de armazenamento e taças de bordo largo e plano profusamente decorado, designadas taças de Palmela. Do levantamento então realizado, concluiu-se que os vasos marítimos se concentravam em povoados fortificados, enquanto as produções mais grosseiras correspondiam a povoados abertos ou simples casais agrícolas, como os referidos. Assim, tendo presente que a distribuição diferenciada das produções campaniformes

não possui significado cronológico, pois as datações vieram comprovar a coexistência entre os povoados fortificados e os povoados abertos e casais agrícolas ao longo da segunda metade do terceiro milénio a.C., pode concluir-se que às elites campaniformes, sediadas em povoados fortificados, competia a gestão dos seus territórios, sendo utilizadas produções finas (os marítimos) no seu quotidiano, correspondentes a marcadores do seu estatuto social, enquanto às comunidades socialmente menos relevantes, distribuídas pelos numerosos casais agrícolas e por pequenos povoados dispersos pelas encostas, estaria reservada a produção agropecuária, viabilizada pela aptidão dos solos existentes na região adjacente ao estuário do Tejo. No respeitante à cronologia absoluta proporcionada pelo radiocarbono, as mais antigas cronologias peninsulares, e mesmo do sudoeste de França, podem remontar a cerca de 2800 a.C., ainda que com alguma incerteza, ao contrário da cronologia obtida para uma das cabanas do povoado de Leceia (Oeiras), indicando que o campaniforme já se encontrava completamente formado na região do estuário do Tejo cerca de 2750 a.C. As cronologias relativas ao campaniforme de Ciempozuelos, grupo cam-

paniforme característico da meseta ibérica, são mais recentes, tornando-se seguras a partir de 2500 a.C. Esta realidade é, assim, condizente com as influências observadas por Edward Sangmeister, num segundo momento do campaniforme, oriundas da Europa Central. Tais influências centro-europeias foram recentemente confirmadas pelos resultados de ADN relativos a cerca de 280 indivíduos, abrangendo o território europeu. No respeitante aos cinco indivíduos do território português analisados, três oriundos da gruta da Verdelha dos Ruivos, em Vila Franca de Xira, cronologicamente situável entre 2700 e 2300 a.C., e os restantes da Galeria da Cisterna, em Torres Novas (2500-2200 a.C.), verifica-se total ausência de contributo genético de populações da Europa Central. No entanto, o contributo centro-europeu encontra-se em certas populações do território espanhol, algumas delas correspondentes à meseta ibérica. Esta realidade pode, pois, relacionar-se com a hipótese de Edward Sangmeister, situando tais populações num momento já avançado do campaniforme.

Deste modo, o cruzamento dos dados genéticos com a cronologia absoluta das amostras analisadas

comprovou que as influências campaniformes oriundas da Europa Central só se fizeram sentir a partir de 2500 a.C., com a penetração rápida e generalizada de indivíduos de leste para oeste, com especial incidência na Inglaterra. A fraca influência genética de regiões centro-europeias nas populações do território português significa que estas, quer pela sua afastada posição geográfica, quer sobretudo pela sua cronologia mais antiga, não receberam os fluxos daquela difusão, afirmando-se como descendentes diretas das suas antecedentes neolíticas. Esta conclusão, a par da sua recuada cronologia, constitui um argumento adicional a favor da origem dos vasos marítimos no estuário do Tejo e da sua subsequente difusão por via marítima, em época anterior à grande movimentação populacional oriunda da Europa Central, recentemente revelada por via genética.

*João Luís Cardoso*

Universidade Aberta

#### BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, João Luís, «Absolute chronology of the beaker phenomenon north of the Tagus estuary: demographic and social implications», *Trabajos de Prehistoria*, vol. 71, n.º 1, 2014, pp. 56-75.

CASTILLO YURRITA, Alberto del, *La Cultura del Vaso Campaniforme (Su Origen y Extensión en Europa)*, Barcelona, Universidad de Barcelona, 1928.

HARRISON, Richard J., *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Cambridge (Massachusetts), Peabody Museum/Harvard University, 1977.

OLALDE, Iñigo *et al.*, «The beaker phenomenon and the genomic transformation of

Northwest Europe», *Nature*, fevereiro 2018.

SANGMEISTER, Edward, «Exposé sur la civilisation du vase campaniforme. Les civilisations atlantiques du Néolithique à l'Âge du Fer», in *Actes du Premier Colloque Atlantique (Brest, 1961)*, Rennes, Laboratoire d'Anthropologie Préhistorique de la Faculté des Sciences de Rennes, 1963, pp. 25-56.